

As folhinhas não têm mais folhinhas

Muitos anunciantes e empresas comerciais e industriais talvez não tenham a exata medida da importância da folhinha, este tão corriqueiro instrumento de informação. Como inúmeras coisas, a folhinha data da mais remota antiguidade, o que resultou num involuntário trocadilho substantivo-verbal, inevitável, já que é hábito dizer que as coisas datam, quando falamos da sua história. Uma enciclopédia provavelmente nos informaria que Ramsés II já distribuía às firmas fornecedoras do Reino artísticas folhinhas constituídas de tantos tijolos de barro quantos os dias do calendário egípcio, o que permitia também construir uma casa com os tijolos, no fim do ano. Outras folhinhas mais práticas, porém menos úteis, devem ter surgido através dos tempos até culminarem com estas que a gente ganha no fim do ano dos nossos fornecedores domésticos.

Como qualquer pessoa medianamente informada sobre a formação de diminutivos em nossa língua verá logo, folhinha é diminutivo de folha. Antigamente, folhinha era uma porção de folhinhas que se iam arrancando com o passar dos dias, o que gerava uma enorme confusão, pois muitas vezes a gente não sabia se já tinha arrancado ou não, e então consultava o vizinho que as vezes também não sabia. A principal desvantagem dessas folhinhas feitas de folhinhas era nos apresentar o tempo de forma homeopática, dia por dia, o que tornava os meses e os anos mais longos. Tinham ainda outras desvantagens, a par de dar instruções sobre plantação de hortaliças e sábios conselhos sobre os mais variados problemas da vida. Uma dessas desvantagens era não dar uma visão do mês nem do seu subsequente e conseqüente. Tiveram o seu papel, essas folhinhas, e, dentro de suas limitações, prestaram um grande serviço com a presteza decorrente dos seus grossos números.

Hoje em dia as folhinhas têm menos folhas, são mais práticas, mais úteis, mais rápidas na informação. Aliás, o fato de a folhinha ser útil é que justifica estas linhas. Que é útil, é útil, não venham discordar. E utilíssima, como dizia um habil vendedor de folhinhas, graças a ela o sr. não vai preso! Sim porque, não fosse a folhinha, o sr. não saberia o dia de pagar as dívidas e os impostos, e então iria preso! Sim, a folhinha é útil, devemos-lhe a felicidade de estar livres e felizes. Ela

nos adverte, sem o ranzinismo dos conselheiros, que os dias estão passando e que nós estamos ficando para trás. Que o próximo Natal está aí e que o nosso juramento foi em vão, nós que nos consideramos vis reptéis se o não cumprissemos. Mas continuamos os mesmos, a folhinha nos diz sem magoa, com compreensão. Por ser útil, quotidianamente, útil, a folhinha é um excelente instrumento de comunicação. Há muita gente que olha com mais frequência para a folhinha do que para a própria esposa. Evidentemente, não quero me envolver nos problemas conjugais de ninguém, apenas quero ressaltar a nossa intimidade com a folhinha. Já que isto ficou claro, não há porque evitar a conclusão de que as folhinhas serão tanto mais úteis, mais olhadas e mais vistas na medida em que além da informação básica que nos deve fornecer, nos for útil de outra forma, como seja deleitando nossos olhos e, através deles, o nosso espírito. As folhinhas instrutivas do passado, que traziam quadrinhas e conselhos e conselhos em quadrinha, podem assumir, no presente, tarefas informativas e educativas mais condizentes com os tempos modernos, como roteiros de turismo e tempo de voo entre as principais cidades do mundo. Mas esta missão secundária da folhinha pode ter outros aspectos, como o educativo e decorativo, já que a folhinha, em decorrência do ofício, fica dependurada na parede o ano inteiro. O artista Fred Jordan, há já alguns anos, vem concebendo o que chamaria "folhinhas de vanguarda", arrojadas, originais e que sempre provocam ligeiro mal-estar com algumas pessoas que entram na sala e vão logo encostando o nariz na folhinha, exigindo explicações, tomando satisfações. Tenho remetido, invariavelmente, esses curiosos para o artista, o que não é desleal porque seu estúdio fica longe, as pessoas não vão. De uma delas conservei o substancial e pus numa moldura do que reproduzo o possível: "Vestígios de um meson colidindo com um átomo. Os traços são fragmentos nucleares; as linhas pontilhadas são mesons transmutados". A ilustração parece uma estrela explodindo, é a arte a um só tempo figurativa, abstrata e involuntária da matéria, que também tem alma. Muitas pessoas se escandalizam, olham-me com comiseração, eu afinal não pedi para ninguém pagar a moldura, vive-

mos no "mundo livre" afinal para quê? Assim é. Aliás, lembrei-me agora que a moldura polemica não é a ilustração de uma folhinha mas de um cartão de Natal de Fred Jordan, o que é a mesma coisa, ou quase, pois deseja-me felicidades em 1962, isto é, uma folhinha inteira de felicidades. Outras folhinhas tenho recebido mas não pus na parede, do contrario não há parede que chegue. São exemplos para quem queira tirar melhor partido das folhinhas, o que é preciso e útil. Entre elas, registro: "US Rubber Internacional do Brasil S. A." com quatro desenhos a cores de Aldemir Martins, impressão em "Silk-Screen". Está uma beleza, mais de mil pessoas já me pediram, não dou nem empresto, nem vendo, ainda que estivesse na mais negra miséria — **Industrias Villares**, com fotografias de Ouro Preto, de autoria dos fotógrafos Xavier, são dois irmãos, mas uma só e excepcional arte. Ouro Preto como que renasceu através da objetiva do artista, muita gente vê e se espanta: "Estive já em Ouro Preto e não vi nada disso". Oh! Infelizes cegos, a camera não mente jamais, as máquinas de hoje têm alma, tanto que recentemente houve um Congresso de Cibernética para discipliná-las — **Shell**, produzida pela Standard Propaganda, com fotografias de Oto Stupakoff e selecionada pelo Juri do Premio Municipal "Ampulheta" — **Fabrica Nacional de Motores**, também selecionada pelo Juri do Premio Municipal "Ampulheta", produzida também pela Standard Propaganda.

Quem faz folhinhas, que as faça bem, seguindo os bons exemplos: o que reverterá em benefícios gerais, inclusive para nós, olhadores de folhinhas.

Marcus Pereira

Agências e anunciantes

● A Inter-Americana de Publicidade, agencia fundada em 1929, transformou-se, em março de 1938, em Sociedade Anonima. No ultimo mês de março completou a Inter-Americana 25 anos como S.A. Tem hoje escritorios no Rio, em São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre e uma expressiva carteira de clientes entre os quais destacam-se Moveis Estofados Drago, Texaco, Gillette, Deltec, Leite em Pó Moca.

7/4/63

ESTADÃO